

COLUMNA SERPENTINA DO TEMPLO DE DELPHOS, EM CONSTANTINOPOLA.

Esta columna, formada pelo enroscamento de tres serpentes, é de cobre. Devia ter antigamente maior altura que hoje, que se julga ser de sete metros. Terminava por tres cabeças de serpente que sustinham a tripode d'ouro. A tradição pretende que Mahomet II, o conquistador de Bysancio, cortou uma d'ellas com um golpe de cimitarra. Affirma-se que as outras duas cabeças foram roubadas em 1700; mas um ulema assegura que se conservam em Santa Sophia.

A columna Serpentina, transportada de Delphos a Bysancio por Constantino o Grande, para ornar o grande circo, estava em parte enterrada no entulho, quando toda esta multidão de estatuas, este immenso museu de columnas,

marmores raros, obeliscos, etc., que ornavam o hippodromo, quebrando-se sob o furor musulmano, serviram para os palacios barbaros, ou para calçar o solo pisado pelo ignorante janisario. Este nobre monumento d'antiguidade grego foi, durante seculos, insultado e injuriado pelo fanatismo e pelas creanças que brincavam enchendo-o de pedras. Constantinopola, associada hoje ao progresso europeu, não podia continuar a cobrir de lodo e desprezo estas preciosas ruínas que a Europa illustrada cerca de veneração.

Duas versões existiam relativamente á columna Serpentina: uma não via n'ella senão um talisman levantado para exconjurar as serpentes, por Apolonio de Thyane, imitador de Moy-

OUTUBRO, 3, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.  
GABINETE  
DE ESTUDIOS  
OLISIPONENSES

ses expondo no deserto a serpente de bronze; a outra, fazia remontar este monumento a mais nobre origem, e a inscripção ultimamente descoberta vem plenamente confirmal-a.

Herodoto, Diodoro de Sicilia, Pausanias, Zosimo, Cornelius Nepos, e outros fallam d'esta columna. Eis como se exprime o primeiro historiador: «Tendo os gregos ajuntado todo o dinheiro, depois da batalha de Plate, guardaram a decima parte para o deus de Delphos. Com esta porção fizeram uma tripode d'ouro, que lhe offereceram. Esta tripode, firmada em uma serpente de cobre com tres cabeças, foi collocada junto do altar.»

Eis o texto de Diodoro de Sicilia: «Os gregos, tendo posto de lado a decima parte do saque, fizeram uma tripode d'ouro, que dedicaram a Delphos, com a inscripção seguinte: Os salvadores da vasta Grecia consagraram esta tripode, depois de terem libertado as cidades da escravidão abjecta.»

A tripode d'ouro não parece ter resistido muito tempo a cubiça; mas a columna de cobre ficou intacta, porque se lê em Pausanias: «Os gregos, em seguida à victoria de Plate, consagraram uma tripode d'ouro collocada sobre um dragão de cobre. Tudo o que havia de cobre n'esta offerta existia ainda no meu tempo; mas os reis da Phocida tinham arrebatado tudo que era d'ouro.»

### OS JUDEUS DEPOIS DE CRISTO.

Depois que os judeus se mancharam com o crime da morte de Jesus Christo, operou-se n'elles uma transformação social, que bem pode attribuir-se a castigo.

No reinado de Vespasiano, e no de Tito, seu filho, fizeram os romanos perecer um numero prodigioso d'elles, e lhes arruinaram Jerusalem, e o seu templo. Expellidos da herança de seus antepassados, foram vendidos como vis escravos, e a maior parte dispersa pelo imperio romano, a excepção d'um pequeno numero que ficou em Palestina.

No reinado d'Adriano, sublevaram-se por conselho de Barcochebas, famoso impostor, que se dizia o Messias: mas este esforço passageiro e infructuoso não fez senão agravar-lhes o jugo. Adriano fez n'elles horrivel carnificina, vedou-lhes a circumcisão, prohibiu-lhes a leitura da lei de Moyses, e a observação do sabbado, derramando-os inteiramente pela Europa, pela Africa, e sobretudo pela Asia, sempre desprezados e odiados, depois de tentarem em balde reunir-se em povos.

Expellidos pelo imperador Severo por movimentos sediciosos que excitaram, cerca do anno 202, foram-no tambem por Constantino, que os puniu de uma leve revolta, mandando cortar-lhes as orelhas, e dispersando-os por todas as terras do imperio, como outros tantos escravos revoltados; castigo dado para inspirar temor aos

rebeldes, ou aquelles que fossem impellidos a imital-os.

Entre as muitas leis promulgadas por Constantino a respeito dos judeus, notam-se: a que lhes prohibia pôrem em perigo as vidas dos christãos convertidos; a que lhes defendia serem senhores de escravos christãos; a que inhibia estes de abraçarem o judaismo. Tambem depois da insurreiçã da Judea, e do tumulto de Alexandria, em que tiveram grande parte, impediu-os de casarem com mulheres christãs; sobre carregou-os de impostos; e renovou formalmente o edito de Adriano, na parte em que lhes defendia aproximarem-se de Jerusalem.

Juliano *apostata* (iv seculo) foi favoravel aos judeus, e lhes propoz a reedificação do templo. Phenomenos extraordinarios, que relata Ammiano Marcellino, intimidaram os obreiros n'isso empregados, o que junto com a morte de Juliano lhes frustrou a realisação do intento.

Os subsequentes imperadores romanos protegeram os judeus, ainda que de quando em quando sempre fossem incommodados pelo zelo indiscreto de ecclesiasticos violentos. Arcadio e Honorio (fins do iv seculo) reconheceram a exemplo de Theodosio, seu pae, no patriarcha judeu jurisdicção para punir os membros refractarios da sua communhão, sendo vedado aos prefeitos interporem em casos taes sua autoridade judicial.

Nas contendas com os christãos, ambas as partes compareciam perante os tribunaes ordinarios; mas porque entre estes e os judeus se suscitavam collisões, occasionadas por certas festividades, Theodosio II prohibiu aos ultimos celebrarem-nas com publicidade.

No v seculo foram banidos d'Alexandria, onde se tinham estabelecido depois d'Alexandre, tornando-se o ludibrio das nações pelo seu fanatico entusiasmo por um falso Messias, que então appareceu na ilha de Candia. Este impostor, chamado Moyses, pretendia ser o antigo legislador do povo de Deus. Dizia-se descido do ceo para fazer entrar os filhos d'Abraham na terra promettida, fazendo-os passar a pe enxuto atravez do mar. Muitos dos seus adherentes se lançaram ao Mediterraneo, esperando que a vara do novo Moyses lhes abrisse passagem miraculosa. A maior parte d'estes infelizes afogou-se: o seductor tinha já desaparecido. Entretanto os ludibriados ainda se consolaram, acreditando, ou fingindo acreditar, que o diabo tomara a forma humana para os enganar.

Theodorico, e outros reis godos da Italia protegeram os judeus. Quando as guerras e invasões eram frequentes, faziam-se elles senhores do commercio da escravatura na Europa. Não poucos concilios, e o papa S. Gregorio Magno foram incansaveis na prevenção do abuso do poder, que por tal arte tinham adquirido sobre as pessoas dos christãos. Digno de toda a estima e veneração se constituiu aquelle sabio e humano pontifice em tudo quanto a tal respeito obrou.

No começo do vi seculo (530), Juliano, ou-

tro falso Messias, se annunciou como conquistador que, á testa da sua nação, destruiria pelas armas todos os christãos. Muitos subditos do imperio foram victimas do seu cego furor. Justiniano enviou tropas contra elle. Deu-se batalha ao falso Christo, que foi prisioneiro, e condemnado ao ultimo supplicio. O seu partido desapareceu com elle.

Justiniano foi dos primeiros que promulgou leis realmente oppressivas e intolerantes contra os judeus, as quaes foram mitigadas depois por um subsequente edito seu, a instancias de Sergio, bispo de Cesarea. Desde então começaram a não ser conhecidos os samaritanos como povo separado, até que no seculo xvii se descobriu uma pequena porção d'elles na vizinhança do seu santo monte Garizim, em posse ainda da lei escripta no antigo character samaritano, e cujos descendentes existem ainda.

Uma nova revolta assignalou, em principios do seculo vii, o phrenesi judaico. Phocas foi obrigado a expulsal-os d'Antiochia, e Heraclio de Jerusalem.

O mahometismo foi a principio desfavoravel ao judaismo oriental. Bem quizera Mahomet trazer os judeus ao seu partido: mas reconheceriam estes pelo maior dos prophetas um descendente da escrava Agar? Foi por isso que foram tratados sem misericordia na Arabia, onde n'aquelle tempo eram innumerados. Entretanto como depois se prestaram a pagar tributos e a coadjuvar os califas em suas conquistas na costa septentrional africana, foram por elles bem tratados, e até protegidos; concorrendo tambem, não pouco, para o triumpho do crescente na península hespanica. Sizebuto, Egica, e outros monarchas hespanhoes, os perseguiram no vii seculo. Igual perseguição soffreram da parte dos concilios hespanos, se exceptuarmos o iv de Toledo em 633, que mitigando as leis e estatutos promulgados contra os judeus, declarou — «que ninguem devia ser compellido a crer por força; devendo comtudo ser obrigados a adherir á fé os que uma vez a tinham abraçado.»

Expulsos da Hespanha por Sizebuto, rei dos godos, procuraram abrigo em França; mas Dagoberto os forçou logo a optar entre o christianismo e o exilio.

Carlos Magno protegeu os judeus tanto como aos seus outros subditos, e desd'então ora perseguidos, ora tolerados em França por quasi dois seculos, foram, sob Carlos vi, expulsos de todo. Muito tiveram que padecer do fanatismo popular germanico! O povo os trucidava ao grito de *Hep! Hep!* iniciaes das palavras *Hierosolyma est perdita* (Hierusalem está perdida). S. Bernardo, e o papa Eugenio iii reprovaram altamente taes atrocidades. Na Italia gosaram quasi sempre de tranquillidade. Onde porém conseguiram mais seguro asylo foi na Polonia. Ahi formaram a classe media entre os nobres e os servos, á sombra dos privilegios que lhes concedeu Casimiro Magno.

Uma parte dos reditos dos primeiros reis *capetos* (1030) consistia nas taxas sobre os judeus.

As suas calamidades recommençaram na epoca das cruzadas, cerca do fim do xi seculo. Em todos os logares por onde ellas passaram, foram saqueados e degolados.

Cerca de 1190 (antes de Julho) a expedição dos cruzados do norte, mandados á Palestina, por Ricardo i d'Inglaterra, cognominado *Coração de Leão*, chegando ao Tejo, soccorrendo os apuros de D. Sancho i, e ajudando-o á tomada de Lisboa, procedeu igualmente com os judeus. «A fereza e perversidade d'aquelle tropel de malvados (*os cruzados*), exercitou-se especialmente contra as familias dos judeus, que na occasião da conquista não tinham querido abandonar os seus lares...» Assim o diz o nosso distincto historiador A. Herculano no T. 2.º, pag. 58 da sua *Historia de Portugal*.

Os povos, alternadamente ferozes e fanaticos, atiravam-se aos judeus e os despojavam de todo o oiro e prata. A perseguição foi geral. Estendeu-se pela Alemanha, pela Inglaterra, pela Italia. O falso zelo, e a avareza queria estender o nome d'*Israel*, mas muitos dos que participavam d'este nome não escapavam á morte senão dando-a a si mesmos.

Em 1012 o papa Benedicto vii castigou os judeus com exemplar severidade por desacatarem em sexta-feira santa a imagem do crucificado.

No seculo seguinte, em 1138, um falso Messias reuniu grande exercito, com o qual deu batalha ao rei da Persia. Este principe pretendeu fazer depor as armas aos israelitas rebeldes, mas o impostor que os capitaneava entendendo-os na revolta, fez tudo dependente de negociação. Prometteu desarmar os seus partidarios se lhe reembolsassem todas as despesas d'esta guerra ridicula. O rei da Persia consentiu n'isso, e deu-lhe grandes sommas. Logo porém que o exercito do falso Christo foi dispersado, os judeus tiveram ordem para entregar no thesouro real o que lhe haviam tirado como preço da paz.

Continua.

#### PENSAMENTOS DE DOMAT. (\*)

Como o corpo se faz pesado e enfraquece pela duração da vida, assim o coração se faz pesado e enfraquece pela duração dos maus costumes.

O superfluo dos ricos deveria servir para o necessario dos pobres; mas, ao contrario, o necessario dos pobres serve para o superfluo dos ricos.

Os acontecimentos não são nossos; só a vontade é nossa. Não podendo dirigir acontecimento algum, devemos pôr-nos em estado de que nenhum nos perturbe e obste a que sejamos felizes.

(\*) Jurisconsulto celebre; nasceu em 1625 e morreu em 1695.

Ha grande differença entre o modo porque sentimos as injustiças que nos tocam, e aquelle porque julgamos das que respeitam ao proximo.

Precisam-se mil coisas superfluas, nas quaes ha bastantes desgostos, perdas de tempo, vida mais difficil e fastidiosa.

O gesto é um esforço da alma para se comunicar atravez do corpo e fazer entrar na de quem nos ouve o que a nossa sente e vê.

O louvor, ainda que falso, ainda que ridiculo, ainda que não acreditado nem pelo que louva nem pelo que é louvado, não deixa de agradar; e se não agrada por outro motivo, agrada ao menos pela dependencia e subjeição que mostra ter o que louva.

O bom tempo, uma boa palavra, um elogio, uma caricia, tiram-nos d'uma profunda tristeza de que não pudemos arrancar-nos por nenhum esforço de meditação. O que é a alma! que abysmo de miserias e fraquezas!

Desejamos agradar de tal modo, que não queremos desagradar aos outros ainda mesmo desagradando-nos a nós; e desejamos agradar aquelles que nos desagradam.

Cinco ou seis malvados gosam a melhor e mais rica parte do mundo: é bastante para comprehender o que valem as riquezas diante de Deus.

Não é pequena consolação para deixar este mundo, o livrarmo-nos do grande numero de parvos e maus de que estamos rodeados.

Os homens não julgam das acções e do coração do homem senão em relação ao que lhes respeita. Uma incivildade a seus olhos parece-lhes mais criminosa que grandes peccados em presença de Deus que não offendem os homens. Ha infinitos exemplos.

Hoje a devoção e a virtude são coisas muito differentes.

Só ha dois meios para conseguir a felicidade e alegria: um, cumprir todos os nossos desejos; outro, limital-os ao que podemos possuir. O primeiro é impossivel n'esta vida: portanto é loucura emprender ser feliz no mundo por este meio.

#### SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL.

Nasceu esta santa rainha em Saragoça, segundo uns autores, ou em Barcelona, na opinião de outros, em o anno de 1271, e foram seus paes D. Pedro III de Aragão, e D. Constança de Suabia. El-rei de Portugal D. Diniz a pediu em casamento, e aos 11 de Fevereiro de 1282 se celebraram por procuração as suas bodas em Barcelona, com extraordinaria pompa. Como princeza e como rainha foi sempre um modelo de virtudes, tão apuradas, que mesmo em vida ganhou o epitheto de *rainha santa*. Em tempo d'el-rei D. Manuel foi beatificada pelo papa Paulo IV, e em 1612, reinando Philippe IV de Castella, foi canonisada.

É talvez a esta santa rainha que Portugal de-

ve a primazia no culto da Immaculada Conceição da Virgem, e conta-se assim como esta devoção teve logar — Achava-se a rainha em Coimbra por occasião da guerra civil, e de accordo com o bispo d'aquella cidade alcançou ella que o dia 8 de Dezembro fosse dedicado a Conceição de Maria.

Desde então para cá ficou este culto inoculado nos portuguezes. A universidade prestava-lhe homenagem tão solemne, que todos os que tomavam o primeiro grau academico juravam defendel-o; e á Conceição de Maria votaram as côrtes de 1641 a defesa e protecção de Portugal.

Foi ainda esta santa rainha que fundou a primeira capella da Conceição que houve no reino, a qual esteve assentada no convento da Trindade em Lisboa, logo no começo da sua fundação.

Outras foram tambem as suas fundações. O convento de Santa Clara de Coimbra, e o hospital da mesma cidade; o convento de Cister em Almoester; o hospital dos engeitados e doentes de Santarem, e de Leiria; e em Alemquer a igreja do Espirito Santo, onde se conta que teve logar o milagre das rosas.

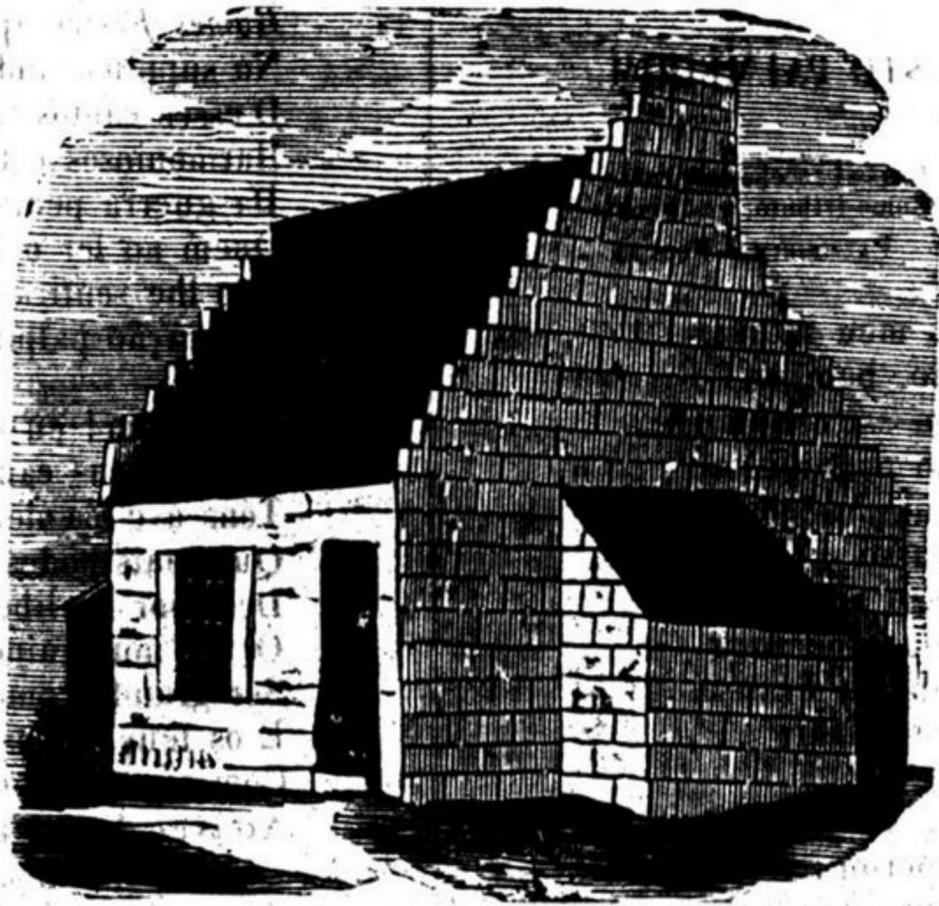
Não ha um acto na vida d'esta rainha que deixe de ser um exemplo. Não era seu esposo D. Diniz muito regular de costumes, mas nem por isso a santa esposa deixava de tomar a sua conta os filhos bastardos do marido, educando-os como seus. Na guerra civil que se incendeu entre o rei e o filho, correu ella a arremessar-se entre as lanças dos exercitos contendores para evitar a serie de calamidades que ameaçavam o reino. Na peste que o assolou, encontravam-na sempre no meio do contagio para soccorrer os infelizes. Tão santas foram as suas esmolos, que o povo ainda as conserva em memoria.

Fez a rainha voto de vestir o habito de S. Francisco, quando seu esposo falleceu da enfermidade de que adoeceu gravemente. A desolada viuva cumpriu o seu voto, fazendo a pé a romaria de S. Thiago de Compostella. A 4 de Julho de 1336 recebeu no ceo a recompensa de suas virtudes na terra, que deixou em Estremoz onde se finou.

Determinara em seu testamento que se lhe transportasse o corpo para o seu convento de Santa Clara em Coimbra, e assim se fez, encerrando-o em tumulo de pedra, onde esteve até 1612 em que foi trasladado por occasião da sua canonisação. N'esse acto se lhe encontrou intacto, incorrupto, e fragrante o corpo; e o mesmo se verificou em 1696 em que se transferiu para o novo convento de Santa Clara, que substituiu o primeiro que ella edificara, e onde por ordem d'el-rei D. Pedro II se encerrou em mausoleo de prata; e ainda em 1832.

\*\*\*

Se se não visse, não podia acreditar-se a immensa desigualdade que a maior ou menor riqueza faz entre os homens. — *La Bruyère*.



PEQUENA CASA DE SOISSONS.

No Panorama da semana passada, demos tres desenhos de construcções antigas e modernas, nas povoações de França, e mostrámos, descrevendo-as, a differença que havia entre as construcções dos dois diversos systemas.

Agora, concluindo o que então dissemos, apresentamos uma estampa que representa a pequena habitação d'uma familia de operarios em Soissons, bello e fertil paiz onde se encontram excellentes materiaes de construcção.

Parece-nos que esta humilde casa, de grande simplicidade, execução facil, e manutenção pouco despendiosa, deveria ser proposta como um dos modelos das pequenas casas de aldêa para uso dos operarios!

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

### OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

#### Continuação.

568. Sigeberto e Gontran alliam-se para vingar a morte de Galsuinda; mas depressa uma convenção socegou esta guerra em principio. O primeiro voltou as suas armas contra os abares; e, sendo vencido, foi feito prisioneiro; mas o rei d'esta nação barbara, commovido pela coragem do monarcha francez, deu-lhe a liberdade e accumulou-o de presentes.

569. Gontran, desbaratado pelos lombardos e saxonios, que assolavam a Borgonha, surpreendeu-os e desbaratou-os em outra batalha. Mummol, o maior cabo de guerra que houve em França, era quem commandava as suas tro-

pas. N'esta conjuntura, dois bispos, o d'Embrun e o de Gap, de capacete na cabeça e a espada em punho, bateram o inimigo, e deram aos soldados o exemplo da carnificina.

575. Sigeberto e Chilperico começaram entre si uma guerra cruel. *Theodeberto*, filho do segundo, morreu n'um combate. O proprio Chilperico, abandonado dos seus, procurando a salvação na fuga, encerrou-se em Tournai. O victorioso Sigeberto marchou a sitial-o; e, a despeito das supplicas dos nobres dos seus estados, já se preparava para immolar o irmão a sua vingança, quando dois scelerados, mandados por Fredegunda, o apunhalaram. Não obstante grandes defeitos, este principe era o monarcha mais perfeito que ainda tinha apparecido sobre o throno de Clovis.

576. Chilperico e Fredegunda, escapos do maior perigo, apressaram-se em aproveitar a morte do seu inimigo. Brunehaute foi presa com os filhos; mas um vassallo fiel tirou da prisão o joven *Childeberto II*, filho do monarcha assassinado, e o collocou sobre o throno d'Austrasia. Chilperico, irritado com este contratempo, desterrou Brunehaute para Rouen, onde esta em breve lhe causou grandes inquietações. O principe soube que *Meroveo*, seu filho, a desposara; e, furioso, voou a Rouen para punir a temeraria paixão do joven principe. Os esposos refugiaram-se em uma egreja, e só saíram tendo a certeza de salvar as vidas. Meroveo foi, a seu pesar, ordenado padre, e Brunehaute reenviada para Austrasia.

Continua.

O gosto não é senão um bom sentido delicado; e o genio é a razão sublime.

AO INSIGNE POETA

LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM.

Irmão! recebe este canto  
Como tributo, e não mais.  
PALMEIRIM — Poesias.

Palmeirim, o meu intento  
É mui ousado, bem sei!  
Possuindo um estro humilde,  
Cantar-te não poderei!  
Mas ao ler tuas canções,  
Petrarcha, Tasso e Camões,  
Esqueci p'ra te admirar!  
Senti n'alma a esperança  
De te ver inda da França,  
Um Béranger egualar!...

Poeta! tu nos revelas  
Um genio superior;  
Quando na lyra que pulsas  
Cantaste a patria e o amor!  
Offertando eternos cantos,  
A esta terra de encantos,  
Terra outr'ora tão feliz;  
Cantaste as glorias passadas,  
N'essas batalhas ganhadas,  
Por heroes do teu paiz!...

Portugal! quanta poesia  
Esse canto encerra em si!  
Quanto amor, quanta saudade  
N'aquelles versos eu li!...  
A patria hoje sem brilho,  
Desejas como bom filho,  
Despertar o seu valor!  
A Portugal tão temido,  
Que hoje pobre e abatido,  
Jaz sem força e sem vigor!

Não olvidaste os amores,  
Tão desditosos de Ignez!  
Cantando-os como devia  
Um poeta portuguez!  
Nas tuas inspirações,  
Tu nos fallas de Camões,  
Nosso poeta immortal!  
D'esse vate tão lembrado,  
Que p'ra nodoa do passado,  
Foi morrer n'um hospital!...

Ao martyr napolitano,  
Mazaniello o pescador;  
Tributaste uma saudade  
Como livre troyador!  
De Kossuth, que a pobre Hungria,  
Quiz livrar da tyrannia,  
Nos fizeste recordar;  
Trazendo-nos á memoria,  
Essas paginas da historia,  
Que a fizeram scravisar!...

N'esses quadros tão sublimes,  
Que nos sabes descrever;  
Gomes Freire apresentaste,  
No supplicio indo morrer!  
D'esses cantos tão singelos,  
Harmoniosos e bellos,  
Da guerra peninsular,  
Quem ao ler o Veterano,  
Não lhe sentirá ufano,  
O coração palpitar?!...

Palmeirim! eu te admiro,  
N'esses teus cantos sem par!  
Tens a c'roa de poeta,  
Que mais podes desejar?...  
Defensor da liberdade,  
O teu nome ainda hade  
Ser grande como Camões!  
E os teus versos sublimados,  
Com amor serão lembrados,  
Atravez das gerações!...

J. A. X. DE MAGALHÃES.

## SOBRE A MORTE DO DUQUE DE CLARENCE.

É verdade que o duque de Clarence, irmão do rei d'Inglaterra Eduardo IV, foi afogado n'um tonel de vinho de malvasia?

O duque de Clarence foi condemnado á morte por motivo de rebellião, pela camara dos lords, e o orador da camara dos commons insistiu vivamente para que esta sentença fosse executada.

O rei deu o consentimento; mas quiz evitar a seu irmão a vergonha d'uma execução publica.

Os unicos autores contemporaneos que fizeram menção do genero de morte imposto ao duque ou escolhido por elle, são Fabiano e Commynes.

«O rei Eduardo, diz Commynes, fez morrer seu irmão, o duque de Clarence, em um barril de malvasia, porque queria fazer-se rei.» (\*)

Commynes tomou a anecdota de Fabiano, que era inglez e habitava em Londres. Eis o texto de Fabiano: «O duque de Clarence foi morto secretamente e afogado (*drown*) em um barril de malvasia (*barrel of malvasye*), proximo á Torre.»

Um critico inglez, mr. James Gardnair, tendo recentemente commentado estas duas linhas do antigo historiador, chegou a concluir que muito provavelmente o seu verdadeiro sentido é o seguinte:

«O duque de Clarence foi morto secretamente, e o seu corpo, encerrado em uma pipa que tivera malvasia, lançado ao Tamisa, junto da Torre de Londres.»

Em outros termos, Clarence foi talvez estrangulado ou apunhalado na prisão; depois, para fazer desaparecer o seu corpo, metteram-no em uma pipa vazia, e lançaram-no ao rio.

Mr. Gardnair demonstra, com effeito, com

(\*) Memorias de Commynes, liv. I cap. VII.

exemplos tirados dos melhores autores antigos, que a palavra *drown* era empregada ordinariamente no sentido de «deitar n'agua» e applicava-se não só aos mortos e absvivos, mas ainda a todas as coisas. Na *Tempestade* de Shakspeare, Prospero diz: «Deitarein'agua o meu livro» (*I'll drown my book*). Na comedia *Bom é o que bem acaba*, Parolles diz: «Afogarei os meus vestidos» (*I'll drown my clothes*). Por outra parte, é certo que as palavras «barril de vinho, pipa de vinho», não significam precisamente que o barril ou a pipa contenha vinho, mas unicamente que o tenha contido ou seja destinado a contê-lo.

O autor da balada ou historia rimada de *ladye Bessie* (Isabel d'York, mulher de Henrique II) faz dizer a esta princeza: «Elle matou meus irmãos no leito em que estavam deitados e afogou-os ambos em uma pipa de vinho.» São as proprias expressões de que se serviu Fabiano, e aqui o sentido não é duvidoso; trata-se incontestavelmente de corpos inanimados e d'uma pipa vasia: era antigo uso servirem-se em semelhantes circumstancias de pipas em vez de saccos.

Pode pois acreditar-se que o eterno gracejo bachico dos cancionistas de adega, que desejam «acabar a vida em um tonel de malvasia», é fundado n'uma falsa interpretação da narrativa de Fabiano.

### MEIO PARA ESPANTAR OS CÃES.

Tomando de repente uma posição desusada ou extravagante pode-se algumas vezes fazer fugir os cães furiosos, ou outros animaes ferozes. Watterton conta a maravilhosa derrota d'um bando de bufalos, na America do sul, que não teve outra causa além d'um expediente d'este genero.

Outro viajante conta que, atravessando um dia uma ponte estreita, um cão d'aspecto ameaçador appareceu d'improvizo diante d'elle na outra extremidade. Salvar-se, fugindo, era impossivel. Então, com grande presença d'espírito, poz-se a olhar afoitamente para o cão, depois a baixar a cabeça e a diminuir a estatura curvando-se, apoiando as mãos sobre os joelhos. O cão parou, pareceu admirado de ver este homem mudar assim de figura e bater com os pés ruidosamente: comtudo hesitava; mas tendo-se o viajante posto a andar para elle na mesma posição e sem cessar de sapatear com estrondo, o cão, cheio de medo, voltou-se, e fugiu a bom fugir. O autor da *Campanha de Roma*, atacado por um cão igualmente formidavel, teve a idea d'abrir arrebatadamente o seu guarda-chuva e de fazer d'elle uma especie d'escudo: o cão saltou para traz, e fugiu latindo.

Os prazeres mundanos nunca satisfazem a alma: esse magico poder é só concedido ás almas virtuosas.

### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

C

De como foi preso o lizençado Balthazar Alvares Ramires, e o sentencaram que morresse.

O lizençado Balthazar Alvares Ramires foi preso depois de ido o marquez. Seria homem de setenta annos e letrado antigo, e cidadão muito nobre, e tinha já servido por vezes de corregedor, e os melhores cargos da cidade, e os mais honrosos, e muito aparentado, e casado com mulher e filhos, e os cidadãos desta cidade gosam dos privilegios dos cidadãos da cidade de Lisboa. Servia elle de desembargador com os mais. Tanto que foi preso vieram com um libello contra elle. Deu sua defeza, e dizem que boa. Foi concluso; ajuntaram-se os adjunctos, tirado o bacharel Roque Dias, e em seu lugar pozeram o lizençado Jorge Fernandes, porque Roque Dias era cunhado do dito Balthazar Alvares. E como todos eram suspeitos, Jorge Vaz Paes estava tido por homem mal inclinado, houve mais votos que morresse, que dizem foi o voto do corregedor, e de João de Orbina, e de Antonio Francisco e Jorge Vaz Paes. Houve muitos rogos de pessoas nobres, e religiosos que lhe recebessem appellação. Não houve remedio: mandaram confessar o dito Balthazar Alvares, de setenta annos. Tendo elle vindo com embargos não lhos receberam, e o mandaram enforcar ao longo da cadeia, na força antiga da cidade, que estava no monte do Brazil; de que houve grande lastima em toda a cidade e ilha; e na força esteve té o outro dia, que o foram enterrar; e lhe tomaram seus bens, dos quaes lançou mão Melchior Estacio, por haver sentença contra a fazenda dos rebeldes.

CI

Do que aconteceu sobre uma nau que aqui veio de Flandres.

Depois do marquez ido desta cidade, d'ahi a alguns dias appareceu uma nau. Não se sabendo donde podia vir, e imaginando na cidade donde podia ser, não se podia atinar. Chegando a nau defronte da fortaleza de S. Sebastião, foi lá um barco da terra, em o qual foi Pedro Alvares Cabral, que servia de alcaide da cidade. A nau vinha de França, e por mercador della um portuguez. Parece que partiu de Flandres depois do marquez cá estar, e com os ventos contrarios e calmarias pôz perto de um mez na viagem. E o mercador o que trazia era dinheiro amoeado de cobre, moedas de quatro vintens, e de dois, e de vintem, que era o que se fazia nesta cidade. E levavam de cá a moeda, e por

ella faziam em Flandres muita copia, e a traziam em pipas para lhe pagarem o cobre, e custo, por conta do sr. D. Antonio, em pastel, ou em assucar, ou em outra mercadoria da terra. Perguntou-lhe Pedro Alvares, o alcaide, em chegando, donde era a vinda? Dice-lhe, que de Flandres, e que era enviado por el-rei D. Antonio. Perguntando mais, em que estado estava a terra? se a accomettera o marquez de Santa-Cruz? que havia lá por novas ter vindo com grossa armada, e que novas havia delle? Dice-lhe Pedro Alvares, que o marquez não ousara accommetter a ilha, e que havia estar na ilha de S. Miguel, ou ser já ido. Folgaram muito os da nau, e se metteram dentro no porto. E depois que estiveram mettidos das fortalezas para dentro, lhe diceram que a terra estava por el-rei Philippe, e o conde degolado com outros, e o marquez já ido, e que deixara presidio na terra. Ficaram pasmados, e suspensos, dizendo mal á sua pouca ventura, e desgraça. E com esta vinha outra nau atraz, e um homem da villa de S. Sebastião se botou a nado e poz uma bandeira branca, e o tomaram. Esta se acolheu logo. O alcaide lhe tirou as velas, e as levou para terra, e o mestre, e piloto, e mercador; e os metteram todos na cadeia, e depois enforcaram o mestre, e o piloto; e o mercador foi com pregão pelas ruas publicas e degradado para galés pelos adjuntos que ao diante se dirá. E a nau e mais fazenda se tomou por sua magestade, e os marinheiros os deixaram andar soltos, e trabalharam nas obras d'el-rei.

## CII.

Da ordem que tiveram os marinheiros para fugirem.

Tinha vindo Domingos Gonçalves, o *batarda*, piloto, com uma sua caravela de figo e passa, e outras cousas do Algarve. E tendo descarregado em terra parte da carga, mandou João de Orbina que os barris de atum, e a quarta parte dos figos e passa deixasse ficar dentro, que tudo havia mister por conta d'el-rei para ir para o Faial, por estar lá presidio; e juntamente lhe metteu dentro trezentos vestidos feitos de calções, roupetas, chapeos, meias, e sapatos, para 300 soldados que lá estavam; e lhes metteu muito biscoito feito, muita sardinha em quartos, jarras de azeitona, e pipas de vinho; e estava esperando por tempo para partir; e o piloto ia dormir á caravela, e o mestre e seus filhos; e tudo estava fechado debaixo de cobertura; e os marinheiros flamengos, e outros que andavam nesta cidade, constrangidos ajudaram a remar nos barcos que levaram tudo á caravela. Em um domingo a horas do meio-dia, que estava o piloto, mestre, e marinheiros em terra jantando, e os artilheiros das fortalezas da mesma maneira, estavam a algumas naus flamengas, e inglezas onde elles costumavam ir muitas vezes a jantar nas suas barcas; sem atten-

tarem por isso se foram todos metter em uma barca que estava amarrada no caes, e os moços a buscar agua ou vinho acima á cidade. Elles se metteram todos nella, por costumarem fazer assim os mais dos dias sem pessoa alguma attentar por isso. O vento estava noroeste rijo, e passaram pela caravela, e com muita presteza lhe ergueram as velas, e com o cabo por mão, e botaram a barca com uma fateixa que ella trazia, e a deixaram ancorada, e em um momento largaram todas as velas, e passaram pela fortaleza de S. Sebastião, estando as guardas olhando; a de Santo Antonio ficava longe que é a que tem as vigias dos navios que saem, e a de S. Sebastião se regula por ella. Quando de terra viram ir a caravela, logo os que sabiam que ella estava de caminho para o Faial diceram que ella ia fugindo com alguém dentro. Chamaram o dono e lhe diceram que ia a sua caravela pela barra fora. Acudiu, a ver o que era: ficou pasmado. Foi logo ao porto; soube que eram os flamengos que andavam na cidade. Sem das fortalezas lhe atirarem se foi desaparecendo como um passaro. Botaram após ella uma nau ingleza com muita pressa. Quando foi á noite não na viu mais, nem ao outro dia. Tornou para o porto, e os marinheiros foram ricos com a caravela carregada.

## CIII

De como sobre a fugida da caravela fallaram algumas mulheres algumas cousas, e as açoutaram.

Uma mulher casada, por nome a *Cavaca*, e outra por nome a *Gameleira*, sobre a fugida da caravela, fallaram algumas cousas, dizendo que fizeram bem, e que o seu chorava por seu dono, e que ainda o sr. D. Antonio havia vir tomar a ilha, e ellas haviam haver suas pobrezaas, por alguns ladrões da terra que ajudaram a entrar aos castelhanos. E destas cousas diceram o mais que quizeram. Não faltou, a quem ellas o diceram em segredo, que logo o foi dizer ao corregedor. Logo as mandou prender, e tiraram as testemunhas que as accusaram, e em breve tempo o corregedor com os adjunctos, sem mais appellação nem aggravo, as mandaram ambas junctas açoutar pelas ruas publicas. Uma dellas d'alli a pouco tempo morreu, dizem que de nojo.

Continua.

Examinar, no momento d'obrar, se a nossa acção pode ser imposta a todos os homens, erigida em lei e escripta nos codigos, e sem duvida o meio de julgar imparcialmente do nosso procedimento. Reid tinha já dado equal conselho, quando, para melhor nos fazer julgar do nosso procedimento para com o proximo, nos recommendou que em mente trocássemos com elle os papeis, suppondo-o em nosso logar e nós no seu, para nos desprendermos assim ficticiamente de todos os laços de interesse. — A. Garnier.